



**IPL**  
instituto politécnico  
de leiria

**Provas Especialmente Adequadas**  
**Destinadas a Avaliar a Capacidade para a Frequência**  
**dos Cursos Superiores do Instituto Politécnico de Leiria**  
**dos Maiores de 23 Anos**

**Prova de Cultura Geral**

**Instruções gerais**

1. A prova é constituída por quatro grupos de questões, sendo o grupo 1 de resposta obrigatória. Dos restantes três deverá responder apenas a dois deles.
2. A duração da prova é de 2 horas, estando prevista uma tolerância de 30 minutos.
3. Só pode utilizar, para elaboração das suas respostas e para efectuar os rascunhos, as folhas distribuídas pelo docente vigilante.
4. Não utilize qualquer tipo de corrector. Se necessário, risque ou peça uma troca de folha.
5. Não é autorizada a utilização de quaisquer ferramentas de natureza electrónica (telemóvel, pda, computador portátil, leitores/gravadores digitais de qualquer natureza ou outros não especificados).
6. Deverá disponibilizar ao docente que está a vigiar a sala, sempre que solicitado, um documento válido de identificação (bilhete de identidade, cartão do cidadão, carta de condução ou passaporte).

Leiria, 18 de Abril de 2009

## GRUPO 1

### Resposta obrigatória

## Cidadãos de sítio nenhum



*World Refugee Day, by Ashley Cecil*

A gravíssima situação com que se confrontam as populações de muitos países em vias de desenvolvimento gerou, ao longo dos últimos anos, deslocações em massa de refugiados. Em função das barreiras que são colocadas pelo Norte desenvolvido, a concentração de refugiados dá-se sobretudo nos países do Sul, que acolhem cerca de 80% dos exilados, o que cria um cenário de extrema precariedade que dificulta a resposta humanitária. Na maioria dos casos, estes migrantes sobrevivem aí em condições precárias. À maior parte é recusado o acesso às nações industrializadas, bem como o direito de asilo.

Um pouco por toda a parte no mundo, várias centenas de milhares de pessoas com direito ao estatuto internacional de refugiados continuam invisíveis e não entram nas estatísticas.

Quantos jovens africanos deixam o seu país pondo em risco a vida para tentar atingir a Europa? Estima-se que todos os anos cerca de dois milhões de pessoas tentam entrar ilegalmente no território da União Europeia e que destes cerca de dois mil morrem no Mediterrâneo e outros tantos nas ondas do Atlântico. Perde-se todo o rasto dos náufragos.

(Adaptação do artigo "Refugiados no Sul, barreiras no Norte", *Le Monde diplomatique*, Março 2008)

Leia o texto intitulado “Cidadãos de sítio nenhum” da página anterior. Partindo do pressuposto de que o ser humano é um agente de mudança, cabe a cada um de nós, a título individual, contribuir para recriar um mundo mais justo.

**Em sua opinião, de que modo é que podemos construir um mundo mais justo, com fronteiras mais ténues, entre Norte e Sul?**

Na sua reflexão considere, se o entender, os seguintes tópicos:

- As grandes migrações de seres humanos sem nacionalidade (apátridas) resultantes de guerras, de desastres naturais ou das consequências da globalização, da liberalização das trocas comerciais e das deslocações “forçadas” das populações.
- O papel da ONU (Organização das Nações Unidas), do ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), do PAM (Programa Alimentar Mundial) e das ONG (Organizações Não Governamentais) na resposta às crises humanitárias.
- Portugal: espaço europeu de cidadãos de sítio nenhum (apátridas).

**Grupo 2, Grupo 3, Grupo 4**  
**Destes grupos escolha apenas dois para responder**

**GRUPO 2**

Leia o texto que se segue com atenção e, em seguida, responda às perguntas.

O design tem que ver com pessoas e não com máquinas

Fernando Brízio

Com todo o cuidado, Fernando Brízio coloca, dentro de pequenas algibeiras cosidas a um vestido branco, canetas de feltro de várias cores, sem tampa, com o bico para baixo. A tinta escorre e adere ao tecido numa sequência rítmica de borrões. «Lembrei-me de que as aves do paraíso mudam de forma e de cor para seduzir as outras aves. Acho que é mais ou menos o mesmo», diz ele, ao falar do que esteve na origem do design.

Durante o tempo em que Brízio está a trabalhar no vestido, a sua expressão oscila entre a séria concentração e a traquinice. Há qualquer coisa neste designer português que me faz lembrar Harpo Marx. Não tanto uma semelhança física, mas a atitude.

Embora não o admita, Brízio tem talento para a improvisação cômica. O seu trabalho está constantemente a ser surpreendido por acidentes. Acidentes deliberados. A ideia do vestido, por exemplo, é a de que quem o veste para ir a uma festa ou a qualquer outro lado mete nos bolsos as canetas sem tampa e elas, simplesmente, borram o vestido numa explosão de beleza suja. Tanto é um *happening* como um vestido (e como a tinta sai, o vestido pode continuar a acontecer, nunca deixando de ser um *happening*...).

Fernando Brízio é o mais famoso designer de produto em Portugal e, no entanto, a sua modéstia ao reconhecer isso, quando agradece o elogio, só prova a pouca importância que dá ao facto. [...]

Dá ideia de ser muito divertido na sua maneira séria e reservada de ser. Num inglês hesitante que é muito melhor do que ele julga, vai-me falando, com toda a calma, das peças sobre as quais faço perguntas. A série que usa canetas de feltro fala de uma linguagem de miúdos de escola, cheia de gafes, reabilitando, imagino eu, o que devem ter sido passos seus dados em falso e algo comprometedores. «Alguns dos objectos que eu desenhei podem ter vários níveis de leitura [...] Tu vês uma coisa e eu posso ver outra», diz-me ele, sem se desconcertar. Mas sim, é verdade. Quando era miúdo, deixou uma vez no bolso, solta, uma esferográfica Bic que acabou por rebentar – «Pum!»

Todas as suas peças têm que ver com a criação de modelos aleatórios, sem regras fixas. Que dizer da sua “Tablecloth Tableshirt” – uma toalha de mesa a imitar uma camisa de homem, com o colarinho a fazer de centro de mesa? Dá ideia de que foi criada para troçar da nossa preocupação quando nos sentamos à mesa, com uma camisa branca que temos medo de sujar. Mas não, não é nada disso. Fico a saber que é simplesmente uma brincadeira a respeito da palavra *tableware*.

Como um dadaísta da última geração, Brízio gosta de deixar que as forças do acaso interfiram no seu trabalho. [...]

Por vezes, parece que o importante é que a mão não apareça como o instrumento óbvio do autor. [...] As suas peças são trabalhos sobre o modo

como os próprios objectos são feitos, em oposição, se assim se pode dizer, ao modo como o utente vai interagir com eles. São trabalhos sobre o processo de fazer. Mas há outro aspecto em Brízio que vale a pena realçar, o diálogo, pouco usual, que mantém com o desenho e a pintura. [...] O banco que produziu para a Galeria Kreo é um exemplo claro disso. Trata-se de um banco que dá a impressão de ser um desenho em *trompe-l'oeil*. Os pés têm extensões planas criando a ilusão de que as pernas estão dobradas. A inspiração veio-lhe de uma cena do filme “The High Sign”, em que Buster Keaton faz na parede, com um pincel, o desenho de um prego e depois pendura o chapéu nesse desenho. «Como num *cartoon*», adiantei eu. «Sim, mas foi em 1920, e o que Buster Keaton realmente faz é um protótipo, ali mesmo, à nossa frente. Quando vi isto fiquei maravilhado, e, a partir desse momento, comecei

a pensar melhor na relação entre design e desenho, e na relação entre o desenho e as pessoas. Pus-me então a escrever vários textos sobre a ideia de que vivemos num desenho.» [...] Como Harpo e Buster Keaton, o calmo Fernando Brízio é capaz de criar qualquer coisa do nada. [...] No seu melhor, o trabalho de Brízio tem sempre qualquer coisa a dizer sobre as pessoas – sobre a nossa desgraça, ou indecisão, ou, simplesmente, sobre a maneira como a nossa percepção pode ser um instrumento criativo. De forma muito renovadora e arejada, distancia-se das formas perfeitas, que não lhe dizem nada. «Não produzo objectos silenciosos, objectos que não falem das pessoas, objectos que não nos façam pensar.»

(Texto de Justin McGuirk, traduzido do inglês e adaptado. In *Icon Magazine* 062, August 2008).

1. Assinale no texto que acaba de ler todos os passos onde pode colher informação sobre a personalidade deste original designer português. Redija depois o retrato do protagonista numa breve nota (não excedendo as 15 linhas), como se a tivesse que publicar na imprensa diária.
2. Os trabalhos de Fernando Brízio revelam uma visão sobre design de produto diferente da da maioria dos criadores que trabalham neste sector. Explique como.
3. O que chama a atenção do observador no trabalho de Brízio ao lado reproduzido? Na sua resposta explore as virtualidades irónicas, poéticas e utilitárias deste objecto produzido pelo artista.

(Painting a Fresco with Giotto #3, 2005, a faïence vase with felt-tip)



4. O que acha que Brízio quer dizer quando avança a ideia de que “vivemos num desenho”?

### GRUPO 3

Leia atentamente o excerto da comunicação da comissão “Ciência e tecnologia, as chaves para o Futuro da Europa – orientações para a política de apoio à investigação da União”, estude os gráficos e responda às questões:

#### **Excelência e inovação, as chaves para a competitividade industrial europeia**

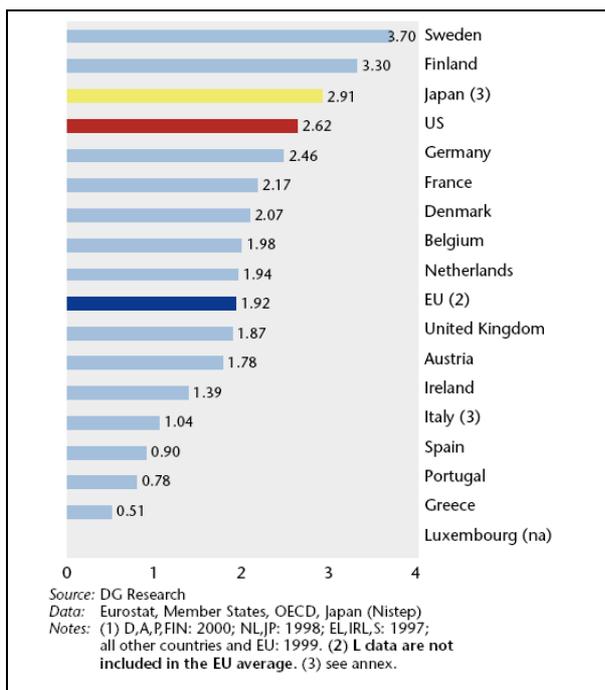
[...] Uma condição para a realização da Agenda de Lisboa é a emergência de “pólos de excelência europeus” de alta visibilidade, abertos no plano internacional e que atraiam os melhores investigadores de todos os países, os quais são indispensáveis para o reforço do papel da Europa no panorama tecnológico mundial e nas iniciativas de investigação sobre temas de natureza global. A União deve contribuir para a sua criação, incentivando a excelência pelo apoio à colaboração e concorrência à escala europeia.

A capacidade da Europa para transformar os conhecimentos em produtos e serviços, nomeadamente comerciais, e em sucessos económicos, é além disso insuficiente. As empresas europeias registam 170 patentes por ano por milhão de habitantes, em comparação com 400 registos por parte das empresas americanas. E o défice comercial da União relativamente aos produtos de alta tecnologia é de cerca de 23 mil milhões de euros por ano<sup>1</sup>.

A União desenvolve actualmente uma série de acções de apoio à investigação realizada pelas PME e em seu benefício, ao desenvolvimento de fundos de capital risco, de parques científicos, de incubadoras e de políticas regionais de inovação, à transferência de tecnologias e à gestão da propriedade intelectual e das patentes. Estas acções devem ser racionalizadas e reagrupadas num conjunto coerente de massa crítica. [...]

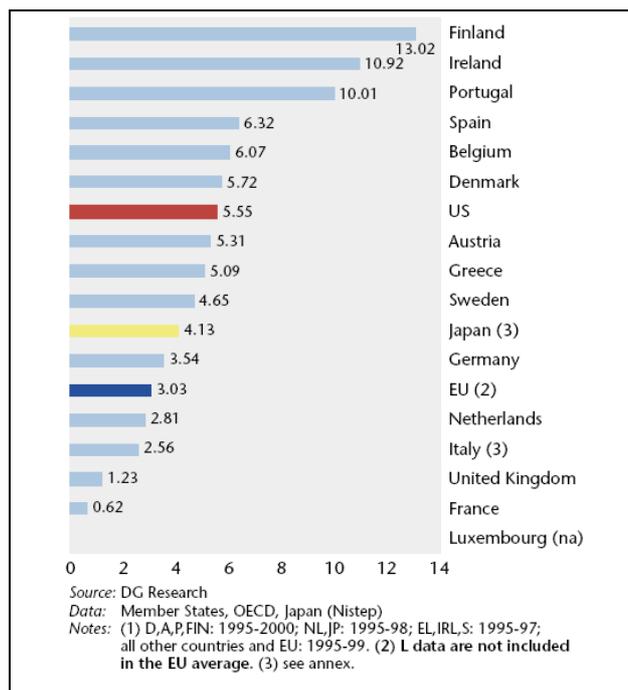
<sup>1</sup>. Comissão Europeia, *Estatísticas sobre a Ciência e Tecnologia na Europa*, edição de 2003.

(Bruxelas, 16.6.2004, COM (2004) 353 final, p. 4)



**Gráfico 1 - Despesa em I&D em relação ao PIB (%), último ano disponível (1)**

FONTE: Figures 2001 - Benchmarking National Research Policies, DG Research, European Commission.



**Gráfico 2 - Crescimento médio anual da despesa em I&D (%) - 1995 até ao último ano disponível (1)**

FONTE: Figures 2001 - Benchmarking National Research Policies, DG Research, European Commission.

1. A partir da leitura do texto, identifique o estado actual da investigação a nível europeu.
2. Do seu ponto de vista, qual a importância da excelência na investigação para o desenvolvimento económico da União Europeia?
3. Da interpretação dos gráficos 1 e 2, registre a situação de Portugal relativamente à promoção da investigação em comparação com os restantes países ali referidos.

## GRUPO 4

### Responsabilidade social e individual no financiamento da saúde

Os princípios básicos do “Estado do Bem-Estar” (EBE), consagrados na ordem constitucional do país, e na de outros, são:

- o princípio da solidariedade (redistribuição): pagar de acordo com o rendimento para receber de acordo com as necessidades;
- o princípio da previdência: ir pagando no decurso da vida, enquanto se está bem, para receber quando se está doente, mais idoso e frágil.

Esta fórmula respondeu, com assinalável êxito, no decurso dos últimos 100 a 120 anos, principalmente na Europa, aos desafios do financiamento da saúde. Constitui um elemento fundamental do Modelo Social Europeu, quer na versão clássica bismarckiana, quer no seu esboço actual (a Agenda de Lisboa da União Europeia). Esta formulação deve ser entendida sempre no contexto da procura contínua da melhor compatibilização possível do crescimento económico com a protecção social dos europeus.

Mas o mundo mudou, e continua a mudar rapidamente.

Consequentemente, a fórmula do EBE tem-se confrontado com pontos de vista críticos, que há que ter em conta:

- As circunstâncias de grande crescimento económico que acompanharam a segunda revolução industrial das últimas décadas do século XIX (quando os princípios subjacentes ao EBE foram explicitados) e os 30 anos do pós-guerra (2ª Grande Guerra), durante os quais o EBE beneficiou de uma nova expansão, já não se verificam na Europa de hoje. As coisas tornam-se difíceis quando o aumento da procura e da oferta (que se reforçam uma à outra) coincidem com períodos de baixo crescimento económico.
- Esta formulação não contempla qualquer medida de “responsabilidade individual”. Ou seja, uma vez feito o pré-pagamento através de contribuições ou impostos, que assegura o título de acesso, qualquer pessoa poderá, à vontade, abusar do sistema (sobre-utilização) ou da sua saúde (comportamentos de risco), dado que o conjunto dos contribuintes se encarrega de proporcionar a necessária cobertura financeira para a sua continuada utilização dos cuidados de saúde.

Aperfeiçoar estes princípios de política social e adaptá-los à mudança dos tempos é a melhor forma de preservar o que eles têm de essencial.

Em períodos de baixo crescimento económico será eventualmente necessário reforçar o esforço contributivo por parte dos cidadãos para assegurar a sustentabilidade da protecção social existente, sempre que uma melhor utilização dos recursos existentes não permita fazer face à situação.

Observatório Português dos Sistemas de Saúde (2007) – *Relatório de Primavera 2007: Luzes e sombras. A governação da saúde*. Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra.

O texto que acaba de ler equaciona questões de ética distributiva muito importantes.

1. Tendo como pano de fundo o actual momento social português, exponha as suas perspectivas sobre “responsabilidade individual” face à saúde, sobretudo nas duas vertentes focadas no texto: “sobre-utilização do sistema” e “comportamentos de risco”.
2. No último parágrafo, os autores fazem uma proposta muito concreta: “Em períodos de baixo crescimento económico será eventualmente necessário reforçar o esforço contributivo por parte dos cidadãos para assegurar a sustentabilidade da protecção social existente [...]”.

Comente a proposta tomando em consideração os seguintes tópicos:

- Rentabilização dos recursos de saúde.
- Regime contributivo para a saúde.
- Pobreza e endividamento das famílias.
- Despesas directas (individuais) com a saúde.